

## Reflexões sobre Cuidados e Envelhecimento no cotidiano de um Centro de Convivência

Fabio de Medina da Silva Gomes (UNEMAT, INCT-INEAC-UFF)<sup>1</sup>

**Abstract:** This article aims to demonstrate the agency of discourses on emotions in the exercise of elderly care work. This is an ethnographic study carried out in a Catholic community center for the elderly in the city of Niterói/RJ, in the years 2017/2018. The results obtained point to the centrality of the discourses on the moral feeling “love”, as well as to the fact that this discourse produces moral conditions that are read as adequate, in this context, for the practice of care. Thus, it is concluded that this discourse is central to the meaning of caring for the elderly as work.

**Keywords:** work, care, aging, moralities, money

**Resumen:** Este artículo tiene como objetivo demostrar la agencia de los discursos sobre las emociones en el ejercicio del trabajo de cuidado de ancianos. Se trata de un estudio etnográfico realizado en un centro comunitario católico para ancianos en la ciudad de Niterói/RJ, en los años 2017/2018. Los resultados obtenidos apuntan para la centralidad de los discursos sobre el sentimiento moral “amor”, así como que ese discurso produce condiciones morales que se leen como adecuadas, en este contexto, para la práctica del cuidado. Así, se concluye que ese discurso es central para el sentido del cuidado de los ancianos como trabajo.

**Palabras clave:** trabajo, cuidado, envejecimiento, moralidades, dinero

### **INTRODUÇÃO**

As reflexões trazidas aqui advêm, principalmente, de uma etnografia realizada durante meu doutoramento. Na ocasião, empreendi uma pesquisa sobre o trabalho do

---

<sup>1</sup> GT16. Famílias, afetividades, normatividades, cuidados e direitos – VII Encontro Nacional de Antropologia do Direito (ENADIR)

cuidado e suas relações econômicas, para compreender o cuidado de idosos como um objeto sociológico que pode entrar e sair do estado de mercadoria. Ou seja, investiguei a estrutura desse mercado do cuidado. Ao logo da pesquisa, fui concluindo que essa troca de cuidado por dinheiro obedecia certa moralidade, que denominei, em outra publicação, de discursos sobre o amor (GOMES, 2021).

A principal instituição que abrigou minha pesquisa foi um Centro de Referência para idosos localizado em Niterói, cujo nome exato vou manter em sigilo, a pedido dos interlocutores. Trata-se de um Centro de Convivência, ou seja, um lugar onde cerca de cinquenta idosos passam o dia, mas não a noite. Essa configuração faz desse Centro um espaço muito diferente de uma Casa de Repouso, por exemplo. Os idosos chegam ao Centro de manhã, recebem um café da manhã, fazem orações, na sequência participam da primeira oficina. Na sequência almoçam, participam da segunda oficina, lancham e retornam às suas casas. Um detalhe importante: tudo isso a título gratuito.

Muitos deles estão gravemente enfermos, e, os mais doentes não podem permanecer na Casa. Fui informado da ausência de estrutura adequada para tratar esses casos. Não há assistentes sociais, enfermeiros ou outros profissionais de saúde, o corpo de funcionários é muito pequeno e não há equipamentos médicos mais caros.

Além desses idosos, cerca de cem pessoas são voluntários, boa parte com idade entre sessenta e setenta anos. Apesar da grande quantidade de voluntários, muitos ficam na Casa apenas por uma manhã, ou tarde na semana, ou no mês. Essas pessoas se dispõem a trabalhar na Casa a título não oneroso, em seus mais diversos projetos ou em atividades rotineiras, como as oficinas.

Outros três grupos da casa são os empregados, os familiares e os benfeitores. Esse primeiro grupo é formado por um administrador, cuidadores, faxineiras, cozinheira e outra pessoa que “faz de tudo”. São, praticamente, as únicas pessoas negras que frequentam a Casa, além de algumas poucas convivas. Fala-se bem pouco sobre o pagamento desses empregados.

Os familiares são um grupo muito distante da rotina da Casa, classificados pelos voluntários como pessoas ingratas e que não cuidam dos seus pais idosos. São vistos como ausentes até mesmo nas reuniões destinadas a eles. Os voluntários frequentemente se queixam de sua ausência quando preparam palestras aos sábados destinados a eles. Segundo o que notei, nenhum familiar é voluntário na Casa.

O último grupo são os benfeitores, trata-se de pessoas, físicas ou jurídicas, que contribuem financeiramente para a “Casa”. Seus nomes eram, geralmente, guardados

em segredo. Contudo, durante as orações matutinas, agradecia-se a Deus porque o apoiador, “o mercado tal”, pode nos auxiliar esse mês.

## OS DISCURSOS DAS EMOÇÕES NAS CIÊNCIAS SOCIAIS

Conforme mencionei anteriormente (GOMES, 2021), na instituição a circulação do dinheiro deveria obedecer às regras de um sentimento moral muito específico: o *amor*. Voluntários, funcionários e convivas estavam muito acostumados com uma ideia prévia sobre quais são os sentimentos apropriados, ou seja, eles possuíam um “dicionário moral”. Ao mesmo tempo, eles tinham consciência quando deveriam sentir algo, quem deveria sentir e qual importância teria cada um desses sentimentos; quer dizer, eles também tinham uma “bíblia moral” (HOCHSCHILD, 2011). E é exatamente esse conjunto moral de regras bem estabelecidas que deveria guiar as moralidades dos dinheiros que circulavam. Desse modo, o amor surgia como um atributo muito bem definido de um tipo específico de dinheiro que circulava na Casa.

Roberta Carneiro Campos (2002) estudou como os sertanejos, e em especial o grupo religioso *Ave de Jesus*, tinham “sentimentos morais como referência para criação de sua sociabilidade” (p. 257). Grupos messiânicos da região atuaram com notória solidariedade socorrendo, por exemplo, retirantes durante grades secas. Tal como na etnografia da autora, na Casa a caridade sobressai como forma de ser no mundo. Os estudos no âmbito da antropologia e na sociologia das emoções são úteis para refletir como o discurso sobre o amor é capaz de gerar realidades sociais.

Novamente, mais do que simples falas, os discursos são compreendidos por sua capacidade de agência. E, nesse momento, procuro demonstrar como os discursos sobre o amor e o interesse são referências relacionadas a tipos específicos e diferenciados de dinheiro. Tento, assim, compreender como uma referida compreensão sobre os discursos das emoções criam realidades econômicas distintas.

Antes de prosseguir, quero deixar claro que minha pretensão não é desenvolver um estudo sobre as emoções como algo que os sujeitos guardam dentro de si, numa antiga compreensão essencialista ou reificadora dos sentimentos. O meu intento é o de demonstrar como os discursos sobre emoções geram realidades sociais. Afinal, no contexto por mim estudado, o discurso do amor e da caridade constrói o voluntariado de quase cem pessoas na Casa e constitui a própria razão dos benfeitores em suas doações.

Em minha abordagem tomo como referência a maneira como Catherine Lutz e Lila Abu-Lughod (1990) negaram essas formas de compreensão das emoções para focar em uma análise cuidadosa das riquezas e situações sociais específicas, lendo as emoções como um construto sociocultural. Ambas são antropólogas tributárias dos estudos sobre sexualidade de Michel Foucault. Segundo elas, seria mais produtivo um estudo sobre a genealogia das emoções, de forma similar às pesquisas do filósofo sobre a produção de uma sexualidade na modernidade, considerando as emoções como uma força fisiológica localizada no indivíduo, sustentando um senso de singularidade. As emoções, na modernidade, são compreendidas como o que propicia um acesso a um senso de verdade sobre um *si mesmo*<sup>2</sup>, embasando a própria ideia de moral.

O próprio Michel Foucault (2007) pretendeu explicar como “a produção do discurso é, ao mesmo tempo, controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos” (p. 8-9). Na sua aula inaugural no *College de France*, em 1970, ele enfatiza a relação entre as práticas discursivas e o poder que os rodeiam e enfoca, também, a criação de mecanismos para controlar os discursos.

Dessa forma, eu pretendo entender as diversas formas de circulação e controle de discursos sobre amor e dinheiros que eram produzidos dentro da instituição. Quero demonstrar, assim, a centralidade da dimensão do controle sobre a produção do discurso do amor para a efetivação da troca de cuidado por dinheiro.

## **SOLIDARIEDADE: UM PASSO EM DIREÇÃO AO OUTRO**

Em determinado dia do trabalho de campo, fui a uma reunião de voluntários, na sede da instituição. Segundo conversado com uma interlocutora, essas reuniões têm sido centrais para alinhar os voluntários num mesmo discurso e, supostamente, numa mesma prática. No primeiro momento ficamos bebendo café e comendo biscoito para esperar que os voluntários atrasados chegassem. Nesse momento, pude conhecer algumas senhoras, voluntárias, entre elas, Carmem e Izanami. Ambas me contaram sua relação com a Casa e com o próprio voluntariado. Carmem era uma senhora de mais de sessenta

---

<sup>2</sup> Esta noção de um “si mesmo” é o mais próximo que consigo chegar da ideia de self, termo que não encontra tradução em português e que designa uma elaboração consciente e racional de si, em contato com outros sujeitos sociais, ao mesmo tempo em que se mantém válida a dimensão de imprecisão e de desenvolvimento contínuo dessa identidade social.

anos, ela participou da fundação da Casa, ainda nos anos 2000. Aposentada e já trabalhou numa escola conhecida na cidade; se apresentou para mim como a “contadora da Casa”. Enquanto isso, Izanami foi, e continua sendo, voluntária em várias instituições, mas só há pouco tempo conheceu o Centro. Ela é uma ceramista japonesa e possui um ateliê. Ambas afirmaram seu amor pelo trabalho na instituição.

Em um dado momento da reunião, discutimos sobre o voluntariado. Distribuíram um papel impresso com um texto sobre o tema, que dizia:

Trabalho voluntário não é coisa de gente santa. Não é pra quem quer mudar o mundo ou ser bem-visto. Trabalho voluntário é pra quem quer mudar a si mesmo e está disposto a aprender por meio do contato com novos mundos. É uma excelente ferramenta de empatia, onde o aprendiz ensina mais que o professor. Voluntariar é transbordar de tanto aprendizado e gratidão, é superar dores e desafios inimagináveis, porque vê na história do outro as bênçãos da própria vida. A nossa maior ligação humana, feita de respeito e gentileza. Onde existem voluntários, existe a mistura das cores, das classes, das crenças e de passados. A curiosidade pelo outro alimenta a nossa alma sedenta por sentimentos reais! Voluntariar é doar amor para curar a dor do outro, e sem saber, descobre que esse é o remédio para curar a nossa própria dor...

Em seguida, começamos a nossa reunião de trabalho. Uma senhora levanta-se e fala, algo como,

Olha meu nome é Ana. Quero dizer que estou aqui na casa como voluntária a mais dez anos e que estou me ausentando muito por conta de problemas dentários. Tenho feito vários implantes e tenho inclusive gastado com isso tempo e dinheiro. Mas quero dizer que sou responsável pela oficina de estimulação cognitiva. Eu tenho contato com uma conviva que vem se portando de forma inadequada. Ela é a conviva mais jovem e se acha jovem demais pra estar no meio de tanto velho. Eu faço várias atividades com ela e ela tem respondido de forma debochada. Na minha oficina, houve uma vez em que levamos umas caixinhas coloridas. Aí nós tirávamos um papel da caixinha com nomes de profissões. Eu perguntava a cor da caixa e o trabalho das profissões. Ela, além de desdenhar, ficava abraçada a sua bolsa e não fala nada!

Depois dessa fala, muitas voluntárias se levantaram para defender a idosa, mas, ponderando que, além dela já possuir alguma demência, era muito participativa em outras oficinas. Começaram a falar dos casos difíceis da casa. Lembraram o caso do senhor com Doença Alzheimer que queria sair da Casa, o Senhor Gervasio.

Em outra ocasião, realizando trabalho de campo, conheci outra voluntária, que disse que os familiares não ajudavam em nada a casa. Muito séria, mencionou os familiares dos idosos como pessoas desleixadas e ausentes tanto nos sábados, nas festas, nos almoços e em eventos para arrecadar fundos. Os familiares são representados como

pessoas que “jogam seus familiares na Casa”.

Como já referi, o discurso sobre o amor obedecia a um “dicionário moral” (HOCHSCHILD, 2001). Quando menciono “amor”, no contexto estudado, quero me referir sempre à noção de caridade. Se nós pensarmos fronteiras entre transações mercantis e circulações de dons (ZELIZER, 2011; WILKIS, 2008; HOCHSCHILD, 2011), podemos identificar o discurso do amor como provocador de uma moralidade que possibilita o livre trânsito entre esses espaços.

Segundo os discursos proferidos durante aqueles dias, todas essas pessoas agiam por amor, tal como o exemplo de São Francisco de Assis. Conforme me foi explicado por uma conviva que assistiu uma missa no Dia de Todos os Santos, dentro do cristianismo católico, os santos têm um papel específico de exemplo/modelo. De forma similar ao que sugere Roberta Carneiro Campos (2002):

A Bíblia, aqui entendida como referência para o pensamento, a ação e o sentimento, funda-se em sua função simbólica enquanto exemplo ou modelo. Ora, o Antigo Testamento conta a esses sertanejos, histórias de povos que passaram dificuldades advindas de se viver numa área seca e desértica e, também, os modos que esses povos utilizaram para superar tamanha adversidade. E no enfrentamento dessas situações, uma das mensagens que mais se salientam no texto bíblico são histórias de mutualismo, de hospitalidade e de compartilhamento. Ao mesmo tempo em que generosidade, gentileza, humildade, misericórdia e sofrimento são alguns dos sentimentos ensinados, a competição, a inveja e o egoísmo são os sentimentos fortemente rejeitados (CAMPOS, 2002, p. 254).

Naquela reunião de voluntários descrita anteriormente, logo após refletirmos sobre o trabalho que desenvolvíamos como uma ferramenta de empatia, que não pode, ou não deve, ser utilizado por quem quer ser bem-visto, ouvimos a fala da voluntária Ana. Ela era responsável pela oficina de estimulação cognitiva e, como referi anteriormente, diz-se muito decepcionada com certa conviva que não participava da atividade como desejado. Nas palavras de Ana, “Ela além de desdenhar fica abraçada a sua bolsa e não fala nada!”.

Aquela situação foi seguida por várias voluntárias apontando um erro no discurso de Ana. Segundo elas, a conviva não agia assim, citando que em suas oficinas ela não ratificava esse comportamento. E, além disso, como já demonstrava alguma demência, ela não poderia ser julgada daquela forma. Queriam dizer com isso, também, que o discurso de Ana deveria sofrer uma interdição (FOUCAULT, 2007), pois se referia a um tema que não se podia falar: conflitos.

Sendo certo, contudo, que a fala de Ana evidencia certo interesse existente na

prática de amor. Requer-se respeito e consideração dos convivas. Ana queria dizer exatamente isso; ela queria reclamar a ausência de retribuição. De igual maneira, outras voluntárias recebiam vários tipos de retornos, como demonstrarei agora.

Carmem e Izanami foram duas voluntárias que me afirmaram realizar o voluntariado por amor. Da mesma forma, todos os outros voluntários apresentaram diversas razões para estar trabalhando a título gratuito na Casa. E chamaram “amor” a todos esses variados motivos.

O caso de Izanami é bom para pensar essa questão. Ela praticava o trabalho voluntário no Hospital Antônio Pedro, no Hospital do Câncer e nessa instituição. A sua compreensão sobre o significado do voluntariado é bem distinta, se comparado a outros interlocutores. Para ela, realizar essa atividade é contribuir com seu próprio processo de individuação, conforme aprendeu com a psicanálise de Carl Gustav Jung. Ela se referia a esse processo como uma resposta própria e criativa aos desafios do mundo. Uma forma de pertencimento.

A ceramista era aluna de um curso de formação de terapeutas em arte-terapia<sup>3</sup>, denominado pelas interlocutoras apenas como “curso da Ana do Céu”. Izanami e suas colegas, alunas do curso, eram chamadas não apenas de voluntárias, mas também de estagiárias no Centro de Convivência, dado os laços estreitos entre as duas instituições. Elas conduziam oficinas e realizavam trabalhos em condomínios.

Cristina era uma jovem enfermeira dona de um empreendimento “de gestão de cuidados de idosos”. Ela contratava cuidadores que trabalhavam nas casas das pessoas idosas. Antes, no entanto, essas pessoas realizavam um estágio em sua empresa, com visitas regulares ao Centro. Segundo Cristina, além de aprender uma forma específica de cuidar, elas eram vigiadas pela dona da empresa. Afinal, “ninguém consegue fingir ser uma pessoa do bem por três meses”.

Para Bárbara, estar na Casa é sempre lembrar-se de sua mãe, moradora de Ilhéus. O seu trabalho voluntário ameniza essa ausência. Contudo, estar longe da sua mãe não parece um grande problema, pois todo ano, durante as férias, ela regressa à Bahia. Existe um trato entre seus onze irmãos de cada um tirar férias durante um mês diferente. Assim, sua mãe nunca fica sozinha.

Ana é uma mulher nova, se comparada a outras voluntárias, com apenas cinquenta anos. Ela já viveu em diversos países diferentes, tendo realizado seu mestrado em

---

<sup>3</sup> Trata-se de uma terapia específica que, por meio da arte, visa privilegiar as aptidões de comunicação e expressão dos sujeitos (BARBOSA, WERBA, 2010).

antropologia na Bélgica e dado aula no norte do Japão na Universidade de Hokkaido. Nessa etapa de sua vida, era casada com um japonês com quem tem filhos e realizava pesquisa sobre gênero e violência. Sua oficina “Conhecendo outras Culturas” consistia em passar alguns slides e explicar costumes franceses, alemães ou japoneses. Segundo me revelou, sua estada na Casa era como um aprendizado, porque ela mesma queria abrir uma casa de repouso e já realizava reuniões com amigas profissionais da área de saúde.

Edwirges, por sua vez, era uma voluntária sempre convidada para oficinas ou condomínios com fito de maquiagem para mulheres. Era casada com Elias, também voluntário envolvido com atividades musicais. Enquanto ela se denominava desempregada, ele intitulara-se aposentado. O casal vivia em Itaipu e, cotidianamente, estava na Casa. Em todas as suas oficinas Edwirges sempre levava uma pasta de produtos da marca MAC e se autodenominava *make-up artist*. Ela sempre frisava, discretamente, que oferecia serviços de maquiagem, contando algum acontecimento engraçado sobre maquiagem de noivas, por exemplo.

Durante o trabalho de campo, entendi que o discurso do amor atua como uma espécie de guarda-chuva; ou seja, discursos proferidos encapsulavam outros entendimentos bem distintos do que seria o amor. Assim, amor ao próximo envolvia um número muito grande de práticas, se opondo às práticas individualistas realizadas “por interesse”.

A empresária e a maquiadora agiam por interesse? Afinal, para os discursos das lideranças da instituição, o que é agir por interesse? Como o dicionário e a bíblia moral desse discurso classificam os termos amor e interesse? Nesse contexto, amor e interesse são excludentes? E, o mais importante, o amor comporta ganhos financeiros em benefício próprio em troca de cuidado?

Nesse dicionário, amar correspondia a suprir a necessidade dos *anawin*<sup>4</sup>, os “pobres de Deus”. A razão de ser do voluntariado é a própria caridade; como expliquei, é uma tentativa de aplacar a dor do outro, sobretudo do outro carente. E esse amor não podia conviver com o interesse. As pessoas poderiam até receber algum benefício pelo que praticavam, mas isso não podia ser sua razão primeira. Descobri isso quando a Irmã me disse que o meu voluntariado na Casa não significava uma caridade, dado que eu agia em interesse próprio. Ela me disse que eu “não era bem um voluntário, mas um

---

<sup>4</sup> Segundo os interlocutores, a palavra *anawyn* é um termo bíblico que se refere aos “pobres de Deus”, todo aquele que não tem recursos materiais para se manter ou que carrega alguma outra carência.

estudante” por estudante queria dizer um pesquisador ou um estagiário. Por isso mesmo, eu deveria buscar ser voluntário em outra atividade.

Eu, diferentemente dessas outras voluntárias, me apresentei como um pesquisador. Era como se o fato de ser pesquisador (ou estudante, ou estagiário) fosse mais importante do que o fato de ser um voluntário. Além disso, eu não estava me legitimando para ter interesses que retroalimentam uma ação caritativa. Por isso, me qualificavam como um estudante voluntário e não como um voluntário estudante. Era muito diferente de Edwirges, que era uma voluntária maquiadora. Enfim, os ganhos pessoais deveriam sempre ser colocados em segundo plano. Aquilo que cada um auferia como um eventual retorno, portanto, não deveria ser um objetivo, mas uma decorrência da prática do amor. Essa ideia era acentuada quando se tratava de ganhos financeiros.

Edwirges poderia ser maquiadora e conquistar clientes naquele espaço, isso não era um problema. Cristina se interessava por dar palestras sobre envelhecimento e saúde, mas poderia angariar clientes para sua empresa, como consequência. Todas essas atividades econômicas eram divulgadas e, inclusive, incentivadas na Casa. O cuidado poderia passar de um gesto de caridade para uma mercadoria (APPADURAI, 2008), pela atuação desse sentimento moral. Por isso, a própria Cristina conta da importância de que os cuidadores contratados pela empresa cuidem com amor. E para isso, deveriam realizar um estágio na Casa.

Marcel Mauss (2013) entendeu que a lógica mercantil não substituiu outras formas de dádivas e alianças típicas de outras sociedades. Na conclusão do *Ensaio sobre a Dádiva*, propõe-se que “uma parte considerável de nossa moral e de nossa própria vida permanece estacionada nessa mesma atmosfera em que dádiva, obrigação e liberdade se misturam” (p. 111). Nesse sentido, o autor se afasta de uma perspectiva individualista, galgada num cálculo de interesses.

Alain Caillé (2002) nos ajuda a refletir sobre essa antítese de um interesse desinteressado. O autor começa o capítulo intitulado *Da Ideia de Incondicionalidade Condicional* com duas oportunas perguntas: “Pode-se dar alguma coisa sem impor nenhuma condição? Pode-se conceber alguma coisa como um dom gratuito?” (p. 106) Com o intuito de compreender a *teoria da incondicionalidade condicional*, o autor recorre a Marcel Mauss para quem não havia meio-termo, ou se confiava totalmente, ou se desconfiava também totalmente, depor armas, ou se entregar tudo. A aliança não teria outra condicionalidade, senão a ameaça de soçobar, a qualquer momento, no registro da desconfiança ou da guerra. Essa relação seria assim proporcional à

hostilidade em potência sendo condicionado por ela.

Por isso o autor redige duas premissas. A aliança só pode nascer de uma aposta incondicional e a aliança não pode viver a não ser no registro da incondicionalidade. Só se podem debater os termos de uma união quando se confia incondicionalmente. A última dessas assertivas é muito boa para pensar a presente etnografia, porque significa um regresso ao amor divino, incondicional por definição.

Durante todo o tempo que me mantenho no registro da confiança, por hipótese estou igualmente no da incondicionalidade. Ou você confia, ou você não confia. Ou ama, ou não ama. Ai de quem for morno, diz Cristo no Apocalipse (3,16). E qualquer reticência em dar (sua amizade, sua palavra, alguma ajuda) faz que se perca a confiança. Mas neste registro da incondicionalidade só me encontro condicionalmente, somente sob a condição que o outro ou os outros também se achem nele. E na exata medida que aí se encontrarem. (CAILLÉ, 2002, p. 121-122).

Albert Hirschman (2000) é outro autor importante, pois discute as relações entre as paixões e os interesses na modernidade para apontar a necessidade de domínio das paixões, dos impulsos por uma paixão especial, o interesse. Segundo ele, a passagem do antigo regime para a modernidade se deu pela substituição gradativa da honra – pertinente apenas à nobreza ou fidalguia – pela noção de interesse, mediado pelo dinheiro. Este último um recurso que todos, em tese, poderiam auferir mediante competência em dominar os impulsos em favor da instituição de um mercado abrangente para trocas mais amplas. O dinheiro, como um equivalente capaz de promover admiração, bem-estar, saúde e segurança, se estabeleceu como medida de valor para uma vida digna.

Uso a teoria desses autores para afirmar que tanto os discursos da instituição como os dos voluntários apontavam para essa incondicionalidade condicional, ou seja, era sempre preciso se afastar dos perigos das pessoas que cuidavam sem amor e tendo como principal motivação o próprio interesse. Um interesse desmedido, que negava a dignidade alheia e que, portanto, não estaria disposto a reconhecer no outro mais humilde uma condição de irmandade. Tudo isso, como recordei, era inspirado diretamente pela figura de São Francisco de Assis.

## **DEVOÇÕES**

O Centro de Convivência fazia parte da Fraternidade Franciscana de Niterói, e

isso significava muito para a instituição. A devoção ao santo era percebida nas imagens espalhadas pelas salas, na sua oração cantada cotidianamente e nos diversos discursos das pessoas sobre agir à semelhança de São Francisco.

“São Francisco amava todo mundo, até os animais. Temos que aprender com ele... Todo mundo se matando, com violência. Temos que tentar amar mais”, dizia uma conviva carregada por uma voluntária. Durante esse tempo de trabalho de campo em Niterói, ouvi muitas vezes frases parecidas com essas. “É, a gente tem que amar como São Francisco amou”. Como referi anteriormente, não havia em nenhum discurso, de quem quer que seja, algum tipo de negação de que o amor era um valor a ser seguido. E mais, não havia nenhuma dúvida de que o amor era praticado naquele espaço. Entretanto, alguns voluntários, muito em segredo, me confidenciavam que o voluntário fulano, não agia por amor e sim por interesse. Alguns voluntários também criticavam os empregados e os familiares, acusavam os primeiros de falta de delicadeza e os outros de ausência. Contudo, como atmosfera geral, havia um forte consenso sobre a prática do amor naquele ambiente.

Para compreender como o amor encarnado na figura de São Francisco parecia criar agências pretendo me valer de três autores, os quais, embora não dialoguem entre si e nem com a bibliografia citada até aqui, são úteis para pensar alguns problemas nessa construção do discurso do amor como um sentimento capaz de unir práticas financeiras e cuidados íntimos. Tratam-se de: *São Francisco de Assis*, de Jacques Le Goff (2011), *Os múltiplos altares da modernidade*, de Peter Berger (2017) e *O diabo e o fetichismo da mercadoria na América do Sul*, de Michael Taussig (2010).

Jacques Le Goff (2011) escreveu sobre vida e obra desse santo, destacando o ambiente onde viveu nos Séculos XII e XIII e sua influência sobre a vida religiosa no Século XIII, mesmo depois da sua morte. O autor destacou inúmeros aspectos de São Francisco, responsável por modificações profundas no catolicismo romano, lembrado por inaugurar um sentido de santidade, distante da vida monástica e mais perto dos pobres. Francisco viveu um momento de urbanização e de uso das moedas nas cidades; a desigualdade, então, passou a firmar-se não sobre o sangue das famílias, mas sobre a posse de dinheiro ou móveis urbanos. Tal como referido por Hirschman (op. cit.), em sua reflexão acerca da transição da sociedade medieval para a de mercado.

Para Francisco, os leigos poderiam levar uma vida apostólica, de entrega às práticas religiosas. O voluntariado na Casa se assemelha a essas ideias; o engajamento de pessoas leigas num trabalho essencialmente católico era um ponto marcante. Durante

esse período de trabalho de campo, apenas vi alguns padres em situações muito pontuais, especialmente para rezar missas. A relação com a pobreza, no entanto, era distinta.

Jacques Le Goff (2011) coloca uma questão enfrentada por Francisco: afinal, a pobreza real era a voluntária ou a sofrida? A pobreza do próprio Francisco e de seus seguidores era distinta daqueles que eles assistiam. Esses últimos sofrem a pobreza, sem nunca ter escolhido. Os voluntários da instituição não sofriram e nem nunca escolheram a pobreza, pelo menos não nos termos do apóstolo Francisco de Assis. A maioria dos voluntários recebia seus sustentos da Previdência Social. Certo dia, em uma oficina, apresentando a instituição, uma voluntária esclareceu que “os nossos idosos são carentes em muitos sentidos”. A pobreza e a carência dos convivas não tinha só relação com ausência de recursos financeiros, mas também com falta de atenção.

Peter Berger (2017), por sua vez, sinaliza um abandono da teoria da secularização para explorar os sentidos do *pluralismo* e suas consequências na religiosidade. Trata-se de uma revisão conceitual de alguns de seus livros mais antigos. A definição de pluralismo é uma chave para entender o livro e a presente etnografia.

O pluralismo é uma situação social, na qual pessoas de diferentes etnias, cosmovisões e moralidades vivem juntas pacificamente e integram amigavelmente. Esta última expressão é importante. Faz pouco sentido falar em pluralismo quando as pessoas não falam umas com as outras (p. 20).

No âmbito da religião, ele destacou dois sentidos do termo pluralismo. Primeiramente, o substantivo designa a convivência de crenças distintas, mas também pode referir-se à coexistência de discursos religiosos e seculares. A maior mudança apresentada pela religião na modernidade seria sua capacidade plástica de estabelecimento desses diálogos. O pluralismo cria uma influência recíproca entre esses discursos todos, mas também diminui as certezas. Esse quadro todo obriga as religiões a um movimento de renovação.

Sobre a convivência entre discursos seculares e religiosos, Berger aponta para a capacidade das pessoas ouvirem e sopesarem todas essas vozes. Para isso, o autor se vale do conceito de “realidades múltiplas” de Alfred Schutz, para descrever como os sujeitos lidam com realidades religiosas e seculares da religião.

Essas ideias trazidas por Berger são boas para colocar em contraste as práticas

aqui estudadas. Se o pluralismo depende de distintas moralidades convivendo, então não podemos pensar o voluntariado na casa sob esse registro. Na realidade, a tensão entre noções como certo e errado, bem e mau, amor e interesse, como já expliquei, davam a tônica nesse dicionário moral. E, essas concepções tão próximas, porque antagônicas, eram partilhadas por conta de um pertencimento religioso católico anterior. Edwirges, Bárbara, Regina e Carmem eram frequentadoras assíduas e voluntárias em outros projetos católicos de caridade. Contudo, muitos outros voluntários não partilhavam do mesmo pertencimento, como é o caso de Izanami, a ceramista, Ana, a antropóloga ou Cristina, a empresária.

Izanami expressava sua fé de forma muito difusa, acreditando “em muitas coisas, ao mesmo tempo”, como me revelou um dia. Mas o motivo mais significativo para seu voluntariado era o engajamento no processo de individuação, termo junguiano que teve mais contato a partir do curso de arteterapia. Não apenas Izanami, mas outros voluntários tiveram contato com a Casa por meio do curso de formação em arteterapia. Sua busca por individuação possui pouca relação com o discurso católico da caridade, tendo mais relação com práticas caritativas para conhecer-se a si mesmo.

Ana, por seu turno, nunca demonstrou qualquer filiação religiosa. O seu intuito de abrir uma casa de repouso nunca estava oculto, foi previamente comunicado às lideranças. Mas ela declarava agir por amor. Da mesma forma, Cristina, a empresária que possuía uma empresa de gestão de cuidado de idoso, agia declaradamente por amor.

Esse sentimento moral, o amor, de forma distinta do pluralismo de Peter Berger, não criava um diálogo entre discursos religiosos e seculares. Na Casa, o discurso religioso tinha determinada primazia e funcionava como um *guarda-chuva*, subsumindo em si diversos discursos como o de Izanami ou Cristina. O discurso desta última poderia ser essencialmente empresarial, do cuidado como uma profissão, já que sua empresa contratava trabalhadores para prestar cuidados aos idosos nas suas casas. No entanto, sempre preferia se apresentar como alguém que acompanhou o processo de envelhecimento e cuidou de sua avó. Passando por essa situação, começou a querer auxiliar outros idosos para serem cuidados com amor, o que a levou também a fundar sua empresa. Não é nada mais do que a exportação de um discurso dos cuidados realizados em casa e de forma amorosa para o meio empresarial, dos negócios.

Foi nesse sentido que, no dia 28 de maio daquele ano, Cristina publicou em seu *facebook*, um post sobre elaboração de um manifesto “em casa que se cuida”, com o intuito de “oferecer aos nossos clientes o que há de melhor no atendimento domiciliar!

Tudo por nosso propósito de cuidar de quem você ama!” Ou seja, novamente trata-se do estabelecimento de uma fronteira entre mercadoria e dádiva. Tudo com um enorme cuidado para que não haja contaminação da segunda dimensão pela primeira. O que seria extremamente corrosivo para a ideia de amor que refere, finalmente, a Deus.

Michael Taussig (2010) entendeu o pacto com o diabo em determinadas regiões sul-americanas como uma resposta da passagem de camponeses a situação de proletariados, ou, dizendo de outra forma, da economia do valor-de-uso para do valor-de-troca. Quando terra e trabalho viram mercadorias, e, de forma semelhante, a lógica da dádiva entra em declínio, o diabo aparece como uma espécie de mediador. Essa figura foi trazida pelos colonizadores misturando-se com divindades locais. A crença no diabo aparece assim como “uma resposta das pessoas ao que elas veem no modo maligno e destrutivo de ordenar a vida econômica” (p. 42). Para o autor, o diabo representava o próprio processo de alienação.

Para esses interlocutores, trabalhadores das minas bolivianas e dos canaviais peruanos, o novo sistema econômico não era nem natural ou bom, além disso, havia frequente hostilidade ou indiferença frente à economia mercantil. O diabo era um símbolo muito apropriado do sofrimento, refletindo certa “adesão cultural dos trabalhadores aos princípios que fundamentam o modo camponês de produção.” (p. 69)

O pacto com o diabo na Colômbia significava a concordância com os esforços para o aumento da produção e do salário, acompanhado de consequências negativas para a vida e para o próprio salário; já na Bolívia praticavam-se rituais coletivos, com vistas a encontrar grandes veios de minério e diminuir acidentes, dado que o diabo seria o próprio dono das minas, com propensão à destruição e morte.

Na presente etnografia, a figura de São Francisco também pode ser compreendida como uma mediação entre o dom e o mercado, mas uma mediação de outra ordem. Enquanto os referidos proletariados abominavam esse novo sistema econômico, os sujeitos do Centro de Convivência não o viam com maus olhos; ao contrário falavam abertamente sobre a possibilidade de pagamento em troca de cuidado, seja por meio de um cuidador ou de uma casa de repouso. Desde que, movido por amor, e não simplesmente pela obtenção de lucro, não havia problema nenhum na mercantilização do cuidado.

A candidatura do cuidado de idosos ao estado de mercadoria não poderia desprezar a simbologia do amor, e para esses interlocutores, a de São Francisco. Na realidade, não podemos enxergar uma distinção tão forte entre mercado e dádiva,

dado que as formas como os mais antigos voluntários e convivas cuidavam de seus pais inclui um elemento complexo: a presença das empregadas domésticas.

## **OS VÁRIOS AMORES**

Havia tensões entre os diversos modelos de exercício do cuidado e muito debate sobre qual seria a melhor alternativa: se um cuidador doméstico ou a opção da casa de repouso. Muitos condôminos, voluntários e convivas lembram-se da trabalhadora doméstica como figura importante no cuidado familiar. Eu não fiquei surpreso com os discursos sobre o trabalho doméstico remunerado; como referi, realizei minha dissertação de mestrado sobre as representações jurídicas dessa profissão na Justiça do Trabalho de Niterói. Naquele período, entendi como diversos discursos referidos às emoções estavam circulando nas salas de audiências. Um desses discursos, que me pareceu dos mais importantes, era aquele sobre o amor e a amizade entre trabalhadora doméstica e patrões. Quero regressar a alguns dados construídos naquele estudo para contrastar com a pesquisa atual.

No dia 1º de agosto de 2018, eu me dirigi a um condomínio residencial, em um prédio próximo à minha casa, na oficina de artesanato. O centro desenvolve também um projeto longe da sua sede, nos prédios residenciais no bairro de Icaraí. Consistia numa atividade para envolver os idosos desses prédios, numa tentativa de tirá-los da solidão. Uma dessas senhoras idosas, nessa ocasião, começou a falar sobre sua mãe, morta em decorrência da Doença de Alzheimer. Com a doença, ela passou a não conseguir mais se cuidar sozinha, então ela teve que contar com apoio dela e de seu irmão. O último era mais presente, pois, naquele período, ela morava na Bahia. Com a piora de sua situação, ela foi viver numa instituição para idosos. A condômina comentou querer envelhecer numa casa de repouso, pois sua mãe foi muito bem tratada em uma. Na época, procurou por várias instituições em Niterói e conheceu de tudo, das melhores às piores residências para idosos.

Ela preferia o sistema de casa de repouso ao de ter um cuidador em casa. Ela via com receio ter alguém estranho vivendo dentro de sua casa, e logo o equiparou à empregada doméstica. Contou-me várias histórias, todas envolvendo o tema da privacidade. Elogiou o quatinho e o banheiro de empregada, porque criava uma separação inclusive higiênica dos donos da casa com os empregados. Seguiu explicando

que era uma mulher na menopausa e várias vezes teria contraído infecção urinária de alguma empregada. Por fim, achei engraçado porque ela me deu a sua garrafa, mas pediu para que eu não contasse para ninguém, pois as pessoas contribuíram inclusive materialmente e se sentiriam desprestigiadas. Achei tudo muito interessante porque ela elogiou muito a garrafa na frente da voluntária.

A mulher logo foi interrompida por outra senhora condômina, explicando que tinha uma empregada doméstica, muito amiga e de confiança. As duas passaram a infância juntas, porque a atual empregada era filha da trabalhadora doméstica da família. Tempos mais tarde, elas cuidaram de sua mãe que morreu muito doente. Sua mãe passou os últimos meses de vida numa casa de repouso, embora preferisse ficar em casa, sob o cuidado de sua família.

Durante o trabalho de campo, entendi existirem diversas formas de administrar o cuidado. Como referi, existe um *diamante* do cuidado. Razavi (2007) utiliza-se dessa metáfora para explicar a atividade do cuidado como algo compartilhado por uma grande diversidade de atores. Nesse sentido, percebi que alguns viviam em casas de repouso, outras moravam em suas casas e viviam com auxílio de uma empregada doméstica, um cuidador ou um familiar.

O cuidado residencial exercido pela empregada doméstica era lembrado como um dos mais antigos deles. “Antigamente era a empregada doméstica quem cuidava”, me disse certa vez um conviva. Como referi, o trabalho doméstico remunerado guarda peculiaridades, é um trabalho majoritariamente feminino, marcado pela baixa remuneração e requer uma relação de “amizade” entre a empregada e a família empregadora. Segundo muitas interlocutoras em minha dissertação de mestrado, tratavam-se de pessoas “quase da família”. A empregada doméstica não era apenas responsável por passar ou faxinar, era também quem tinha a obrigação de dar afeto, cozinhar com amor e cuidar de crianças e idosos como se fossem seus parentes.

O discurso da amizade e do amor reaparecia nesses casos. No entanto, aqui, diferentemente da caridade, ele podia ser entendido como amizade ou familiaridade. Novamente, o discurso do amor (dessa vez na forma de *amizade*) era a própria mediação entre cuidado e dinheiro, entre a dádiva e o mercado ou entre afeto e mercadoria. Era uma relação muito pessoal, de intimidade.

A história de Conceição é boa para pensar esse aspecto. Ela começou a trabalhar na casa de seus patrões para fazer faxinas. Com o tempo, foi desenvolvendo uma amizade pela família, e, paralelamente, começou a ser incumbida de outras funções,

como a de cuidar de um idoso, Jonas. Nesse período, não tinha sua carteira de trabalho assinada e recebia menos que um salário mínimo. Conceição me disse repetidas vezes que enquanto cuidava de Jonas, sua mãe adoecida ficava sobre cuidados de sua irmã. Relatou se sentir muito mal, pois isso sobrecarregava sua irmã, mas ela não podia fazer nada, pois dependia do salário.

Conceição dizia que a pessoa da casa mais próxima era Jonas. Os dois sempre ficavam muito próximos e como ninguém falava muito com ele, ela acabava ouvindo confissões do idoso sobre a família. Ele reclamava sobre falta de amor e atenção e, em dado momento “chegou a confundir as coisas, querendo me passar a mão e essas coisas”. Com o tempo, apesar dessa vinculação afetiva, o trabalho começou a ficar intenso demais, era muitas horas de trabalho por dia, já que Conceição só regressava à sua casa uma vez por semana, e nesse período tomava conta de sua mãe e filhos. Depois, com a morte de Jonas e sua demissão, resolveu procurar um advogado e ingressar com ação trabalhista. Ela conta que “eles ficaram sem dinheiro”.

Heleieth Saffioti, no clássico livro *Emprego Doméstico e Capitalismo* (1978), valeu-se da articulação entre “modo de produção capitalista e formas não capitalistas de trabalho” (p. 17) para entender o trabalho doméstico remunerado. Essa coexistência dá-se de forma dinâmica e integrada, sendo certo haver “mobilidade de parcela de mão-de-obra que se desloca das atividades não capitalistas para as capitalistas em momentos de expansão do capitalismo e das últimas para as primeiras em momentos de retração” (p. 184).

A autora recorda que do ponto de vista do capital, não há interesse na eliminação dessas formas, chamadas pela autora no seu tempo de *não capitalistas de trabalho*, dado que nela está contida uma força de trabalho absorvível por atividades capitalistas, ao menos em parte. Do mesmo modo, trata-se de uma ocupação que pode ser uma alternativa quando da expulsão de mão-de-obra do setor capitalista. Essa problemática aponta para muito além da circulação de mercadorias, mas, segundo a autora, “os trabalhadores dos setores não capitalistas apropriam-se de parcelas relativamente menores do produto social e não usufruem integralmente dos benefícios proporcionados pelo sistema capitalista” (p. 186).

Heleieth Saffioti, imbuída de uma leitura marxista, afirma que a produção de mais-valia pelos proletariados na economia só pode ser possível quando o trabalho de mulheres do lar é transferido para uma criação da mais-valia, pelo assalariamento. Em outras palavras, o trabalho das trabalhadoras domésticas concretiza-se em mercadorias,

“em riqueza material destinada ao mercado, o que não se passa com o fruto do trabalho da empregada doméstica” (p. 195). A autora explica que essas atividades das empregadas domésticas contribuem para a produção de uma mercadoria, a força de trabalho.

Quero regressar à relação específica do trabalho doméstico, remetendo-me ao trabalho de Maria Claudia Coelho (2013). Ela estudou as trocas de presentes entre patroas e empregadas domésticas na Zona Sul da Cidade do Rio de Janeiro. Entendeu a gratidão pelos presentes dados pelas patroas às empregadas como um reforço dos vínculos hierárquicos. Por outro lado, a ingratidão, representada pelo ressentimento ou pela indiferença, pareceu-lhe apontar para uma insubordinação.

Essa mistura de amizade e de hierarquia pareceu estranha a outras culturas. Como compreender o mito fundador de Romeu e Julieta sem a distinção entre ordem e paixão? Conforme Benzaquen de Araújo e Viveiros de Castro (1977), eles abandonaram a família para viver seu amor. Isso foi uma representação importante na contemporaneidade. Antes eram definidos por seu grupo social, por sua família. Contudo, o amor despontou como uma lógica de uma relação de livre escolha individual. Nela não cabia falar no elemento da hierarquia. A pessoa amada seria escolhida pelo indivíduo e não por sua família.

Assim, para o ideário do liberalismo clássico, o afeto se distanciou das relações de obrigação ou de direito próprio do antigo regime. Entre as domésticas e as patroas, como visto, essa não era a regra. O afeto e as relações de uma obrigação contratual se entrelaçavam com significativa confusão. O discurso do amor produziu realidades muito distintas no mito shakespeariano. No meu trabalho de campo, por outro lado, em ambos os casos, esse discurso tangenciou relações de dádiva e de mercado.

Todo esse emaranhado de questões sugere que o afeto, ou o amor, pode ser bem considerado parte das mercadorias veiculadas nesses mercados por mim descritos. Em outras palavras, parece consubstanciar-se em uma dimensão intangível da mercadoria a ser trocada, coadunando-se com expectativas de sujeitos presentes às trocas suscitadas, mas promovendo apenas parte da retribuição ensejada. Em ambos os casos, temos um reforço à noção de hierarquia ou tutela. No caso das empregadas domésticas, considerando-as como “quase da família”, situando-as em um espaço social “nem lá, nem cá”, entre as relações de proximidade e de mercado. Nem afeto pleno, nem remuneração correspondente ao trabalho desenvolvido. O pagamento pelo cuidado, como expliquei, poderia ser realizado de diversas formas, contratando-se uma

empregada doméstica por meio de serviços oferecidos por um cuidador profissional<sup>31</sup> ou mesmo por meio de uma casa de repouso. Essa última instituição era muito conhecida entre os idosos da Casa. Muitos deles já passaram por estabelecimentos como esse, tendo, em geral, memórias negativas, associando-os à dor ou a violências, das mais diversas.

Os convivas e voluntários sempre me lembravam de que existem casas de repouso muito diferentes entre si. Algumas eram muito caras, com médicos à disposição, enfermeiros, fisioterapeutas, um cardápio balanceado e quartos individuais. Outras, no entanto, eram mais baratas e os idosos poderiam ser vítimas de maus tratos, com alimentação e alojamentos que deixavam a desejar.

É importante ir além dessa dicotomia entre cuidadores residenciais e casas de repouso, para compreender que esse mercado tem se desenvolvido de forma racionalizada. Parece-me, nesse sentido, que o mercado é capaz de criar uma quantidade grande de instituições, estabelecimentos e empresas que fornecem serviços de cuidado para os idosos. Uma das convivas me disse, por exemplo, que fez parte de uma colônia de férias para idosos no Colégio Salesianos, onde eles tinham atividades físicas diárias. Mas me contou também que esse serviço não existe mais. A própria Casa, como já assinalei, é uma instituição onde os idosos passam o dia, mas não dormem.

## **O AMOR DOS FUNCIONÁRIOS**

Os funcionários da Casa constituíam um grupo de pessoas muito ativo e sempre envolvido com qualquer trabalho na instituição e, em alguns casos, nos condomínios. Como referi, era um grupo de aproximadamente dez pessoas, a maioria de mulheres negras e algumas mulheres e homens brancos.

Margarida era uma cuidadora de idosos da Casa, ela estava devidamente registrada e me explicou que seu salário estava devidamente em dia e com um valor compatível com o mercado. Ela tinha perto dos quarenta anos, era uma mulher negra e realizava tudo muito rapidamente. Sua agilidade sempre me chamou atenção, como a de todos os funcionários. Dar remédios na hora correta, levar os convivas ao banheiro, ajudar enquanto andavam para não caírem. Essas eram algumas de suas tarefas. Esporadicamente, servia almoços e chamava os convivas para almoçar. Não falava muito sobre religião; apenas me disse um dia ser evangélica, mas não estar muito

envolvida com sua igreja. Ela tinha realizado um curso de cuidadores.

Timóteo era administrador, formado pela Universidade Federal Fluminense e era muito ativo na Casa também. Tratava-se de um homem muito alto, barrigudo e extremamente branco. Como administrador era responsável pela alocação das salas para atividades. Ele sabia de cada detalhe da instituição, que mesa deveria estar, em qual espaço, qual computador era usado para projetar slides, qual sala seria a mais apta a receber, que tipo de oficina. Ele nunca me falou nada sobre seu salário.

Os funcionários não realizavam nenhuma oficina ou outra atividade como coral ou dirigir reuniões nos condomínios. No entanto, toda a parte de limpeza, organização, alimentação da Casa era exercido por essas pessoas. Consistiam num grupo sempre alegre, que ria muito entre si. As suas idades variavam muito.

Diferente do que se possa pensar, eles também estão sendo guiados pela lógica do discurso do amor. Esse sentimento moral está inscrito no dicionário e bíblia moral desses trabalhadores, a ponto de existir quase uma obrigação de demonstrar essa emoção. Os gestos de Margarida e Timóteo, por exemplo, eram todos vagarosos. Margarida, por mais ágil que fosse realizando tarefas, sempre se inclinava e perguntava a cada conviva se estava tudo bem, se a comida estava de seu agrado ou se estava sentindo alguma dor. Ela me contou certa vez que o trabalho era muito desgastante, mas que ela gostava. Era também uma oportunidade de “fazer algo por alguém”, e que gostava de “criança e de velho”. Essas atitudes de Margarida também podiam ser percebidas por parte de outros funcionários.

Marcel Mauss (1999) estudou a expressão obrigatória dos sentimentos. Nos cultos funerários australianos e no luto, as expressões de sentimentos não são apenas fenômenos de ordem psíquica, mas são coletivamente demarcados como obrigatório por parte do grupo. Tudo isso simboliza bem o todo biopsicossocial.

Num sentido próximo, Arlie Russell Hochschild (1983) cunha o conceito de *emotional labor* para referir-se a situações em que trabalhadores têm que realizar a devida gestão dos próprios sentimentos com o fito de cumprir normas de manifestação emocional requeridas em certas atividades profissionais. Como é o caso das aeromoças e a necessidade de todo um aprendizado social de controle das emoções.

O caso em tela, dos funcionários da Casa é um exemplo de pessoas que aprenderam certo *emotional labor*, para trabalhar e conviver na Casa. Margarida era paga e ao mesmo tempo realizava seu trabalho “para ajudar alguém”. Esse discurso é importante; até mesmo os funcionários, e não só os voluntários, devem expressar seus

interesses de forma discreta.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, o que eu quis elucidar nesse artigo é como o amor se torna uma moeda, um equivalente para se atribuir valor aos sujeitos sociais, nos processos de interação analisados, refletindo sobre questões mobilizadas nos âmbitos da antropologia das emoções e da religião.

Essas observações constantes sobre os caminhos do dinheiro me fizeram repensar sobre a mercantilização do cuidado. E, principalmente, quais moralidades guiavam e permitiam essa troca de cuidado por dinheiro. Dito em outras palavras, investiguei como se estrutura o mercado do cuidado de idosos. Ou seja, de que forma esse setor encontrável, à primeira vista, dentre os mercados de consumo e de trabalho podem transformar o cuidado da sua forma mais singular em uma mercadoria e, fazendo-o, buscar dar um sentido específico para a própria ideia de mercado.

As relações dos meus interlocutores com seus dinheiros, ou seja, a maneira como lidavam com suas relações sociais tendo por mediador o padrão monetário nacional, tornavam suas moralidades cada vez mais visíveis. Assim foi em Niterói, quando os membros da instituição queriam classificar o ato de cuidar em amoroso ou interesseiro, a depender dos diferentes recursos monetários que circulavam nessas relações e, sobretudo, as formas de suas veiculações.

Em certa medida, preconizar tais preceitos permitia que os mais diferentes recursos – os individuais, as doações, os dividendos obtidos com venda de bens móveis, imóveis e patrimoniais, entre outros –, fossem transformados em um fundo comum, sempre sobre o gerenciamento dos gestores da instituição. Estes, como guardiões e responsáveis pela preservação e transmissão da doutrina franciscana, tinham a última palavra em relação a disponibilidade e indisponibilidade dos bens que a todos pertenciam. Por isso o apelo a estética austera, ascética para não dizer minimalista, da própria instituição.

A adesão a tais valores e princípios deveria ser exigida, e, sobretudo, extensivamente demonstrada, repetida, diversas e diversas vezes, principalmente pelos voluntários. Nesse sentido, empreendi um esforço no sentido de demonstrar como São Francisco de Assis representava uma mediação entre o mercado e a dádiva. Ele

constituía a própria possibilidade de se transitar entre esses dois sistemas, de se decodificar experiências nesses dois âmbitos.

O amor, assim, aparece como uma variável central, essencialmente hermenêutica deste mercado, como parte de um discurso pretensamente conhecido por todos e que deve estar em todos esses espaços de mercado, nos contextos contemporâneos em que os índices de envelhecimento apresentam não apenas desafios para a sociedade contemporânea, no que concerne a dignidade e bem-estar desses indivíduos, bem como oportunidades de emprego ou rentabilidade.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABU-LUGHOD, Lila; LUTZ, Catherine. 1990. **Language and the Politics of Emotion**. Cambridge: Cambridge University Press.
- APPADURAI, Arjun. 2008. Introdução: mercadorias e a política de valor. In: APPADURAI, Arjun. **A vida social das coisas: as mercadorias sob uma perspectiva cultural**. Niterói: EdUFF, p. 15-88.
- BARBOSA, Elen Teixeira; WERBA, Graziela Cuchiarelli. 2010. Arteterapia e idosos institucionalizados: uma experiência no tempo. **Conversas Interdisciplinares**, v. 5, n. 4.
- BERGER, Peter L. 2017. **Os múltiplos altares da modernidade: rumo a um paradigma da religião numa época pluralista**. Petrópolis: Vozes.
- CAILLÉ, Alain. 2002. **Antropologia do dom: o terceiro paradigma**. Petrópolis: Vozes.
- CAMPOS, Roberta B. Carneiro. 2002. Sofrimento, misericórdia e caridade no Juazeiro do Norte: uma visão antropológica das emoções na construção da sociabilidade. **Ciência & trópico**, v. 30, n. 2.
- FOUCAULT, Michel. 2007. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola.
- GOMES, Fabio de Medina da Silva. “Um apego que faz mal”: reflexões sobre o trabalho do cuidado e os discursos sobre o amor. **Revista Latinoamericana de Antropología del Trabajo**, v. 5, 2021, p. 01,.
- 
- \_\_\_\_\_. Amizades muito hierárquicas: direitos e emoções nas relações entre domésticas e patroas. **Cadernos de Campo (USP)**, v. 24, 2015, p. 290-314.

- HIRSCHMAN, Albert Olist. 2000. **As paixões e os interesses:** argumentos políticos para o capitalismo antes de seu triunfo. São Paulo: Paz e terra.
- HOCHSCHILD, Arlie Russell. 2012. **The managed heart:** Commercialization of human feeling. Univ of California Press.
- \_\_\_\_\_. **La mercantilización de la vida íntima.** 2011. Apuntes de a casa y el trabajo. Buenos Aires: Katz.
- LE GOFF, Jacques. 2011. **São Francisco de Assis.** Rio de Janeiro: Record.
- LEACH, Edmund Ronald. 1996. **Sistemas Políticos da Alta Birmânia:** um estudo da estrutura social Kachin. São Paulo: Edusp.
- MAUSS, Marcel. 2013. **Ensaio sobre a Dádiva.** São Paulo: Cosac Naify.
- \_\_\_\_\_. 2009. **Ensaio de sociologia.** São Paulo: Perspectiva.
- RAZAVI, Shahra et al. 2007. **The political and social economy of care in a development context: Conceptual issues, research questions and policy options.** United Nations Research Institute for Social Development.
- REZENDE, Claudia Barcellos; COELHO, Maria Claudia. 2013. **Antropologia das emoções.** Rio de Janeiro: Editora FGV.
- SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. 1978. **Emprego doméstico e capitalismo.** Petrópolis: Editora Vozes.
- TAUSSIG, Michael. 2010. **O diabo e o fetichismo da mercadoria na América do Sul.** São Paulo: UNESP.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo; ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. 1977. Romeu e Julieta e a origem do Estado. In: VELHO, G. **Arte e sociedade: ensaios de sociologia da arte.** Rio de Janeiro: J. Zahar.
- WILKIS, Ariel. 2008. Os usos sociais do dinheiro em circuitos filantrópicos: o caso das “publicações de rua”. **Mana**, v. 14, n. 1, p. 205-234.
- ZELIZER, Viviana. 2011. **A Negociação da Intimidade.** Petrópolis: Editora Vozes.